

Daviz Simango

O herói do momento na política moçambicana

Por regra não classifico políticos nem como heróis nem como vilões. Considero que tanto a idolatria como o diabolismo são o primeiro passo para a nossa auto-desresponsabilização e para, em consequência, negligenciarmos o nosso papel de cidadãos vigilantes. Gosto de aplicar ao conceito de heroísmo na política a definição de felicidade do Júlio Machado Vaz, a qual dita que a felicidade não é um acto contínuo, mas sim momentos de felicidade. Assim, não existem heróis na política, mas antes momentos de heroísmo.

Confesso que este exercício nem sempre é fácil nos dias de hoje, pois a comunicação social insiste permanentemente em vender-nos ‘heróis’ e ‘vilões’. No último ano, por exemplo, resolvi tomar medidas de protecção contra esta corrente em relação à política americana, não abrindo nenhum dos e-mails com anedotas e dizeres sobre o Presidente Bush e censurando nas minhas leituras a revista Time e a sua campanha de canonização do Presidente eleito Obama. Esta minha auto-exclusão de cada minuto da campanha americana deu-me mais tempo para acompanhar quem, para mim, é um herói do momento da política africana – Daviz Simango.

Simango foi reeleito presidente do município da Beira em Moçambique no passado mês de Novembro. Em democracia, ser eleito, votar, ser membro ou não de um partido, são actos normais sem qualquer risco, a não ser a desilusão de uma possível derrota. Todos estes actos simples não são ainda tão simples em Moçambique. A democracia em Moçambique não é ainda bem uma democracia. A democracia moçambicana é o que Larry Diamond chamou de democracia eleitoral: as eleições acontecem em intervalos regulares, o processo é medianamente justo e livre. No entanto, existem ainda limitações nas liberdades políticas e cívicas. Moçambique é praticamente um país bipartidário, com a FRELIMO como partido dominante e que tem governado o país desde 1974. A oposição é dominada pela RENAMO, que nas últimas eleições legislativas, em 2004, congregou à sua volta alguns partidos minoritários, criando assim a RENAMO - União Eleitoral. A FRELIMO tem a maioria no parlamento, tem a presidência do país (o presidente em Moçambique é o chefe de estado e do governo) e a maioria dos municípios. Em 2004, o presidente Chissano



cedeu a liderança da FRELIMO ao actual presidente do país – Armando Guebuza. Chissano contrariou assim a tendência dos seus colegas presidentes africanos em prolongarem-se no poder infinitivamente. No país vizinho, Mandela tinha sido



pioneiro, quando em 1999 não se recandidatou a liderança do ANC. Já em 2007, o seu sucessor Presidente Mbeki não resistiu à tentação e também ele procura estender o seu mandato ao recandidatar-se à liderança do ANC. Chissano goza de prestígio internacional tendo sido o primeiro ex-presidente africano a receber o prémio de boa governação da Fundação Mo Ibrahim.



O Presidente Guebuza chegou ao poder anunciando determinação contra a corrupção e contra a ineficiência da função pública implementando por todo o país a campanha denominada ‘contra o deixa andar’. No entanto, a era de Guebuza é marcada pelo aprofundamento da

interligação entre política e negócios, com o próprio presidente a ser considerado o homem mais rico no país. Com o domínio dos negócios e do Estado pela FRELIMO torna-se difícil para os partidos de oposição atrair jovens quadros, em especial quando o líder da RENAMO é conhecido pelo seu centralismo e apego ao poder. Antes das eleições de 2004, Raul Domingos, segundo homem forte da RENAMO, visto por muitos como natural suplente de Dlakhama, foi expulso do partido, num processo pouco trans-



parente, acusado de traição. Ao contrário da FRELIMO, na RENAMO não são conhecidas facções, ou contestatários à liderança do partido. Os congressos da RENAMO não são organizados com regularidade e o acesso da comunicação social é limitado.

Daviz Simango, jovem engenheiro, candidata-se em 2003 pela RENAMO ao município da Beira, então liderado pela FRELIMO. A cidade da Beira é considerada historicamente o bastião da RENAMO. E na Beira a RENAMO sempre alimentou a alma com comícios com milhares de apoiantes. Em 2003, Simango destrona a FRELIMO conseguindo 53,4%, enquanto o candidato da FRELIMO obteve 41,2%. O mandato de Simango é marcado por dinamismo e envolvimento das populações na resolução dos graves problemas da cidade (a Beira foi das cidades mais afectadas durante a guerra civil). O governo central, liderado pela FRELIMO, tenta muitas vezes bloquear as iniciativas do município. A crise no Zimbabwe traz para a Beira refugiados que, para os governos moçambicano e sul-africano, são apenas emigrantes económicos. A diferença não é só etimológica, pois o país receptor reconhece uma crise política no país de origem e assiste os refugiados segundo as convenções internacionais. Estes zimbabwianos vêm em busca de emprego e comida, para uma cidade cuja degradação da sua economia resulta também da si-



Recordo-me de lhe dizer que talvez um primeiro passo seja a democratização da própria oposição.

tuação em Harare. A principal base da economia da Beira sempre foi o ser a cidade de saída marítima dos produtos agrícolas do Zimbabwe. O dinamismo de Daviz Simnago e a sua postura pragmática evidenciam-se no espectro político moçambicano. Daviz Simango começa assim a ser um nome nos corredores de Maputo. Doadores mais destemidos (a maior fonte do orçamento moçambicano) começam a ir visitar a Beira e a conhecer o Presidente da Beira da RENAMO.

Não é por isso surpresa quando, no início de 2008, Daviz Simango anuncia a sua recandidatura nas eleições municipais agendadas para Novembro.

Em Janeiro de 2008, o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica resolve convidar Daviz Simango a integrar a delegação do Luso Fórum à IV assembleia do World Movement for Democracy, que se realizou em Kiev, na Ucrânia, em Abril de 2008. A assembleia congrega académicos, activistas e políticos do mundo inteiro. O tema desta assembleia foi “Making Democracy Work: From Principles to Performance”. O entusiasmo e determinação de Daviz Simango contaminaram toda a delegação. Recordo em particular a troca de contactos com os jovens políticos da oposição do Zimbabwe presentes na reunião. No final, Daviz Simango disse-me que a reunião tinha sido para ele como um balão de oxigénio e que regressava a Moçambique mais seguro de que as oposições têm de passar a ter outro papel na política dos países africanos, e que a RENAMO apesar das dificuldades estava no bom caminho.

Recordo-me de lhe dizer que talvez um primeiro passo seja a democratização da própria oposição.

Em 20 de Setembro de 2008, a dois meses da data da eleição, o Conselho Nacional da RENAMO expulsa do partido Daviz Simango.

Tragicamente, Daviz Simango aprendeu cedo que a política é injusta e violenta. É filho dos ex-líderes da FRELIMO Uria e Celina Simango, que foram sumariamente executados pela FRELIMO após a independência em 1974.

Após a sua expulsão da RENAMO, Daviz resolve prosseguir como candidato independente. O risco é enorme, a RENAMO e o seu líder têm ali apoio histórico e a FRELIMO vê assim reforçada a sua oportunidade de recuperar a cidade. Nunca um candidato foi eleito sem partido em Moçambique, muito menos com os dois partidos contra a sua candidatura. No dia 19 de Novembro de 2008 a população da Beira deu a vitória a Daviz Simango, contra a vontade dos dois partidos históricos. Por esta batalha, Simango tem um lugar merecido na galeria dos meus heróis do momento.●